

## BIPODER, BIOPOLÍTICA, SEMIFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

### Resumo:

Esse trabalho tem como objetivo, estabelecer uma relação entre os conceitos de biopolítica, desenvolvidos por Michel Foucault, e o conceito de semiformação desenvolvido por Adorno, analisando, também, quais as contribuições destes para a educação. O esforço em realizar essa reflexão se deve a importância desses dois autores para a compreensão de questões do mundo contemporâneo. Deste modo, esse trabalho será composto por quatro pontos: O conceito de biopoder; o conceito de semiformação; a relação de ambos com a educação e a possível relação que se estabelece entre biopolítica e semiformação. Para análise dos conceitos e sua possível relação, usaremos, como referência básica, o texto “a história da sexualidade: a vontade de saber”, para abordar o conceito de biopolítica e biopoder e, o texto “teoria da semiformação”, para abordar o conceito de semiformação. Deste modo, a intenção desse trabalho é traçar possíveis relações entre os conceitos, procurando mostrar que, em uma sociedade semiformada, onde a autonomia do indivíduo sequer é gerada, a presença do biopoder e da biopolítica é menos percebida por estes.

### Abstract:

This work aims to establish a relation between the concepts of biopolitic, developed by Michel Foucault, and the concept of semi-formation, developed by Adorno, analyzing, also, which of these contributions to education. The effort to accomplish this reflection is about the importance of these two authors for the understanding about the contemporary world issues. Thus, this work consists of four sections: the concept of BioPower; the concept of semi-formation; the relations between both concepts and education and possible relation established between biopolitical and semi-formation. For analysis of concepts and their possible relationship, we took, as a basic reference, the text "the history of sexuality: the desire to learn", to approach the concept of biopolitics, BioPower, and the text "semi-formation theory", to boading the concept of semi-formation. Thus, the intent of this work is to trace possible relations between concepts, searching to show that, in a semi-formated society, where even individual autonomy is generated, the presence of BioPower and biopolitics is less perceived by these

### 1. O Biopoder

O conceito de biopoder (biopolítica) foi desenvolvido pelo filósofo francês Michel Foucault, em uma de suas mais notórias obras: A história da sexualidade, primeiro volume, publicado em 1976. O biopoder é um instrumento que auxilia as reflexões acerca das práticas disciplinares presentes na sociedade contemporânea. Segundo Foucault, o biopoder e a biopolítica são ambas formas de exercício de poder, que se desenvolveram a partir do século XVIII.

De acordo Foucault (1988), a disciplina era direcionada para o indivíduo e, mais especificamente, para o controle de seu corpo, para a sua normatização e adestramento,

através das instituições modernas que fazem parte da vida do indivíduo, como, por exemplo, a escola, a fábrica, o hospital, a prisão.

Essas instituições, segundo o autor, domesticavam os corpos tornando-os aptos ao trabalho industrial, fruto do desenvolvimento da sociedade capitalista. Para Foucault (1988), a disciplina dessas instituições centrava-se no corpo do indivíduo e, este (o corpo), era adestrado, de modo que se tornasse mais dócil sua relação com o trabalho, facilitando a sua integração em sistemas de controle mais eficazes e com menor custo de produção.

O poder disciplinador age sobre os corpos através de sua integração a espaços determinados, do controle do tempo sobre os corpos, da vigilância constante e, também, da produção do conhecimento.

Portanto, o poder disciplinar age sobre os indivíduos no controle do seu corpo e, paralelamente a este fato, segundo Foucault, se desenvolveu o biopoder, uma nova forma de controle que age em um âmbito mais amplo, a espécie. Assim, o biopoder é responsável pelo controle dos processos de nascimento e de morte, da saúde da população, da longevidade, etc.

Deste modo, podemos compreender o biopoder como um mecanismo de controle da vida em um âmbito geral, isto é, a ação do poder disciplinador sobre o biológico que, nesse contexto, ganha papel central nas questões políticas. Segundo Foucault (1988), o biopoder tem como um de seus objetivos transformar, aperfeiçoar, essa forma de controle sobre a vida, visando sempre um maior controle, um maior poder de disciplinar, sobre os indivíduos.

Assim, através do desenvolvimento da disciplina corpórea, o corpo foi submetido ao processo de domesticação, que o tornou mais dócil, para o exercício da atividade de produção fabril. Portanto, podemos considerar o desenvolvimento do biopoder como um importante momento do desenvolvimento do capitalismo, visto que, através dele, se pode alcançar um maior controle sobre a população e, conseqüentemente, uma adaptação mais fácil aos processos econômicos.

Outro ponto fundamental levantado por Foucault, relativo ao biopoder, é o fato de que, conjuntamente com o seu desenvolvimento, se operou na sociedade um modo de vida onde o poder desenvolve um papel central. Nas sociedades soberanas, a figura central, o soberano, possuía o monopólio da violência, ou seja, ela possuía o direito sobre a vida de seus súditos. Essa relação sobre a vida do súdito se torna mais extrema quando este representava uma ameaça ao poder do soberano. Portanto, nesse tipo de relação o poder estabelece uma relação direta com a vida. Segundo Foucault (1988), nas sociedades disciplinares, o poder sobre a vida não está direcionado à possibilidade de extinção desta mas, ao contrário, o biopoder, nessas sociedades, se desenvolve como um meio de controle da vida em toda sua amplitude, de modo que procura organizá-la, vigiá-la, com o objetivo de controlá-la, através dos aparelhos de produção capitalista.

Assim, podemos compreender o biopoder como uma forma de controle sobre os seres vivos, de modo que estes passem a ser compreendidos através de seu valor e utilidade para o processo de produção fabril. Portanto, o biopoder se estabelece como uma forma de normatizar a conduta dos corpos, da vida. Assim, ele utiliza-se dos mais diversos aparelhos, como, por exemplo, os médicos e os aparelhos administrativos, para exercer um controle sobre a vida.

Para Foucault, esse é um processo que submeteu a vida às tecnologias do poder. Assim, ela (a vida), passou a ser compreendida como um objeto e deste modo, o direito sobre ela, sobre o corpo, sobre o ser vivo, tornou-se uma questão de primeira ordem no âmbito político.

O que é reivindicado e serve de objeto é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importa que se trate ou não de utopia: temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomado ao pé da letra e voltada para o sistema que tentava controlá-la. (FOUCAULT, 1988, p.158)

## 2. A Semiformação

O conceito de semiformação foi criado por Adorno em “Teoria da semiformação” escrito em 1959. Para início da reflexão sobre a semiformação é necessário antes compreender o conceito de *Bildung* (formação) que tem origem na língua alemã. Para compreendermos a origem deste conceito foi necessário recorrer ao texto “A idéia de formação na modernidade” escrita por Willi Bolle, presente na coletânea “Infância, escola e modernidade” organizada por Ghiraldelli.

Segundo Bolle, a palavra *Bildung* não possui equivalente em outras línguas, e esse fato torna mais complexa a compreensão sobre esse conceito. Essa particularidade do conceito pode ser percebida quando buscamos palavras semelhantes em outras línguas. Em francês a palavra mais próxima seria formation, em inglês seria formation, porém, de acordo com o autor, essas palavras não são capazes de expressar a complexidade do conceito de *Bildung*, são no máximo reproduções mecânicas deste. Do mesmo modo, a palavra *éducation* em francês e *education* em inglês, não são suficientes para a compreensão do conceito, já que em alemão existe a palavra *Erziehung* (educação) que seria a adequada para esse caso e da qual, de acordo com Bolle, a *Bildung* já se emancipou.

O conceito de *Bildung* teve sua origem na Alemanha no final do século XVIII. Ainda de acordo com o autor, esse é conceito muito complexo, já que, pode ser aplicado nos campos da pedagogia, da educação e da cultura, além de ser fundamental no desenvolvimento de reflexões sobre o homem, a humanidade e a sociedade. Assim, para a compreensão do conceito de *Bildung* é necessário compreender o contexto político-social em qual ele foi criado.

Até o século XVIII, a palavra *Bildung*, era utilizada na Alemanha como referência a produção exterior. Essa compreensão alterou-se com a secularização do cristianismo, no contexto iluminista, onde a palavra *Bildung* passou a compor o ideário do esclarecimento. Nesse momento, o sentido semântico da palavra *Bildung* foi alterado, e então, ela deixou de ser compreendida como resultado de uma produção exterior e passou a ser compreendida como um modo de construção do interior do indivíduo, mental, psíquica e espiritualmente.

Durante o período inicial do iluminismo, a palavra *Bildung* era utilizada conjuntamente com *Erziehung*, porém, havia um predomínio da segunda. O problema dessa utilização da palavra era a compreensão de *Bildung* como “vontade de educar”, ou seja, mantinha-se nessa compreensão um vínculo entre a formação (*Bildung*) e a educação (*Erziehung*).

Porém, a noção de *Bildung* vai além da educação e, portanto, era necessário que esse conceito se emancipasse do conceito de educação. A *Bildung* não pode ser obtida apenas através da educação, ela é bem mais complexa, isto é, para o desenvolvimento da *Bildung* é necessário que haja independência, liberdade, autonomia, ou seja, a *Bildung* pressupõe autodesenvolvimento.

De acordo com Bolle, a emancipação definitiva do conceito de *Bildung* ocorreu com Herder, onde o conceito de formação (*Bildung*) adquiriu independência em relação ao conceito de educação (*Erziehung*). Herder foi o responsável por contrapor o conceito de *Bildung* à educação e ao ensino, deixando claro que a idéia de *Bildung* era oposta a esses conceitos, pois esta pressupõe uma autoformação.

A *Bildung*, portanto, seria conquistada através do desenvolvimento da emancipação individual, que não é adquirido na escola, ou apenas por meio da educação escolar. Para a sua realização é indispensáveis o desenvolvimento da independência, da liberdade e da autonomia individual e coletiva, e essa possibilidade só se efetiva através do autodesenvolvimento.

O conceito de *Bildung* ainda sofreria outra alteração durante o desenvolvimento do Romantismo e do Idealismo Alemão, onde houve uma ampliação e valorização do conceito. A partir deste momento, a idéia de *Bildung* passou a ser equiparada a conceitos como cultura, espírito e humanidade, tornando-se mais ampla que os conceitos de educação, ensino, progresso e esclarecimento. Assim, Herder, concede ao conceito de *Bildung* sua independência, e este passa a ser compreendido como um conceito histórico fundamental na compreensão da formação da humanidade enquanto espécie.

Bolle, ao analisar o romance de Goethe, que possui um narrado irônico, constata que ele (Goethe) encontrou um modo de expressar a contradição presente no projeto de formação, isto é, ele é ao mesmo tempo burguês e antiburguês. Assim, partindo deste ponto, Bolle, deixa claro que o conceito de formação é contraditório em sua origem.

É nesse ponto, em que Adorno surge como crítico do processo, ao constatar que a *Bildung* desde sua origem coexistia com a *Halbbildung* (semiformação), ou seja, durante o desenvolvimento da modernidade a *Bildung* passou a ser compreendida ideologicamente, e tornou-se acessível a poucos. Houve então um processo de desenvolvimento da *Halbbildung*, onde esta assumiu a forma da *Bildung*, principalmente com o desenvolvimento do capitalismo monopolista, onde a *Halbbildung* passou a ser socializada através da indústria cultural, que não possui um caráter formativo, ou seja, ela (a indústria cultural) atua como meio de reprodução e não de formação.

Esse processo onde *Halbbildung* assume o lugar da *Bildung* não permitiu que a formação se desenvolvesse de modo autoconsciente e deste modo a formação cultural entrou em um processo de decadência, onde a cultura passou a ser compreendida enquanto mercadoria, e a própria apropriação subjetiva da cultura, característica fundamental da *Bildung*, foi submetida às necessidades do mercado.

Além disso, o conceito de *Bildung* traz junto a si a idéia de um homem humanizado, enquanto a *Halbbildung* caminha na direção contrária, ou seja, a desumanização, visto que, ela reproduz o processo de reificação da consciência, dos sentidos, padroniza os gostos, e submete o indivíduo ao todo social, aumentando as possibilidades de retorno a barbárie.

Diante dessa situação, Adorno torna-se um pensador fundamental para a compreensão do desenvolvimento da *Halbbildung* e conseqüentemente a decadência da *Bildung*. A problemática da decadência da formação cultural está presente recorrentemente na obra de Adorno e mais especificamente, nos textos em que ele realiza a crítica à indústria cultural e a semiformação.

Adorno se detém no problema da formação e realiza uma reflexão das repercussões da semiformação no campo educacional, pois, percebe que a formação cultural se converteu em seu contrário no mundo capitalista contemporâneo, assim como Kant, se preocupou com o

Iluminismo que se tornou problemático durante o seu desenvolvimento, caminhando também em direção contrária ao que ele propunha.

Adorno parte do projeto iluminista para realizar a reflexão sobre a danificação da razão e conseqüentemente, da educação, no capitalismo tardio. A questão da danificação da razão está presente no livro *Dialética do esclarecimento* publicada por Adorno e Horkheimer em 1947, e conduz o livro na tentativa de entender porque o progresso humano e as evoluções tanto científicas como filosóficas tendem a conduzir a humanidade a um estado de barbárie. Para os autores, a nossa civilização caminha para o fim do esclarecimento, ou seja, nesse novo momento da civilização o esclarecimento perde sua função, na medida em que deixa de refletir sobre os mecanismos de destruição da vida.

A questão do esclarecimento traz junto a si uma contradição, por um lado, o esclarecimento é indispensável para a construção de uma sociedade justa e emancipada, porém a noção de esclarecimento não tem mais o mesmo significado histórico, já que o esclarecimento não deveria ser receptivo a elementos destrutivos, frutos do progresso tecnológico.

Os avanços tecnológicos, econômicos, e todo o progresso técnico levaram a humanidade a atingir o esclarecimento, porém esses fatores contribuíram também para geração de um novo estado de barbárie. Nesse ponto fica evidente a presença de um paradoxo cultural, o desenvolvimento da civilização trouxe consigo um elemento de destruição.

Diante deste contexto de decadência da formação, a teoria crítica se apresentava como a possibilidade de continuação do projeto iluminista, já que realiza uma autocrítica. O texto Teoria da semicultura representa uma contribuição fundamental para pensar esses aspectos.

Segundo Adorno, com a universalização do mercado na sociedade de consumo, a formação cultural não teve como resultado a democratização da cultura, do saber, mas sim, de uma semicultura. Os avanços do capitalismo monopolista, o surgimento da indústria cultural, tiveram como conseqüência a transformação da cultura em objeto de consumo, em mercadoria, mediante ao avanço dos veículos de comunicação em massa, como, por exemplo, o rádio, o cinema, a televisão. Nesse momento os produtos culturais se integraram à lógica do mercado, deixando de possuir apenas valor de uso e adquirindo valor de troca.

Nesse contexto, o homem na busca pela possibilidade de atingir o saber, encontra-se diante do semi-saber e acredita já ser portador da cultura, e conseqüentemente se fecha à possibilidade de aquisição de cultura.

A não-cultura, como mera ingenuidade e simples ignorância, permitia uma relação imediata com os objetivos e, em virtude do potencial de ceticismos, engenho e ironia – qualidades que se desenvolvem naqueles que não são inteiramente domesticados –, podia elevá-los à consciência crítica. Eis algo fora do alcance da semiformação cultural. (ADORNO; 1996: 397)

Diante das condições encontradas nesse novo momento do capitalismo, o homem não teve tempo histórico e nem condições para desenvolver-se, deste modo acaba transitando de uma heteronomia para outra, ou seja, da autoridade da bíblia para a autoridade do rádio, da televisão, do cinema. A condição primordial para a constituição da formação cultural – a autonomia – não foi gerada e, portanto, a capacidade de refletir, desconfiar, resistir, não se realiza.

Adorno se preocupa em deixar claro a oposição existente entre formação e semiformação. Para ele, não existe um estágio intermediário quando se trata da cultura. “O



entendido experimentado medianamente – semi-entendido e semi-experimentado – não constitui o grau elementar da formação e sim seu inimigo mortal” (ADORNO; 1996, p. 402).

Portanto, não existe um meio termo quando se trata da experiência formativa, não existe uma meia-verdade, ou a verdade existe por completo, ou ela é falsa. Nas atividades do espírito não existe um caminho intermediário, o que é compreendido pela metade não representa um passo para a formação cultural, mas sim um passo para a semiformação.

Assim, a semiformação não representa um caminho intermediário para a cultura. O processo cultural como um todo exige a presença de suas duas dimensões: a autonomia e a adaptação. O privilégio de qualquer uma de suas dimensões é totalmente prejudicial. A semiformação tem como característica o privilégio do momento de adaptação, e, portanto lhe falta a dimensão da autonomia, que possibilitaria a emancipação.

### 3. Biopolítica, Semiformação e Educação

Após a exposição dos conceitos de biopolítica e semiformação, partiremos para uma breve reflexão destes e de suas relações com a educação. De acordo Gadelha (2009), a educação é compreendida como um elemento complementar no processo de constituição de programas, campanhas e projetos sociais que visam, através do esclarecimento, uma melhor prevenção com a saúde e políticas relacionadas à segurança pública. Assim, a biopolítica atua como um modo de regulamentação da vida e controle da população.

É fundamental compreender a diferença que se estabelece entre a biopolítica e os mecanismos de disciplina que agem sobre o corpo individual dos sujeitos. Esses mecanismos buscam previsões, através de análises estatísticas para fenômenos globais. Nesse caso, podemos compreender as políticas educacionais como ações direcionadas para a população, de forma racional, onde há uma série de técnicas utilizadas como forma de controle das condutas individuais e coletivas.

Ao pensar a questão da educação através do viés da biopolítica, a questão da ausência ou deficiência na formação profissional se torna fundamental para a reflexão. A crítica a deficiência da formação dos professores é recorrente no campo educacional. Porém, em muitos casos, percebe-se que há uma limitação nessa crítica, que por muitas vezes, desconsidera, importantes pontos como a má distribuição de recursos na educação, a ausência de incentivo a formação, a ausência de políticas eficientes que contribuam para a formação docente. A esses fatores podemos adicionar à péssima condição salarial desses profissionais, que representa mais um entrave a possibilidade de exercer de forma tranquila sua profissão e, ao mesmo tempo, investir no aprimoramento de sua formação.

Portanto, a tendência geral que a sociedade tem apresentados nos últimos atribui aos professores a responsabilidade pela situação precária em que a educação se encontra. Porém, esse fato, que pode ser mal interpretado como um mero descontentamento dos sujeitos perante essa situação é, na verdade, fruto da ação dos mecanismos da biopolítica na educação que tem como intenção a regulamentação e o controle do fazer pedagógico e, nesse caso, problemas mais sérios da educação, como, por exemplo, a ausência de incentivo a formação, ficam relegados a um segundo plano.

A questão da deficiência da formação é fundamental na reflexão que Adorno realiza sobre a semiformação. Deste modo, utilizaremos como referência o texto “*Teoria da*

*Semiformação*”, escrito por Adorno em 1959, para compreender como a formação se converteu em semiformação no capitalismo tardio.

Adorno inicia o texto apresentado um diagnóstico da educação, enfatizando que a crise desta não é apenas uma crise educacional, isto é, é também uma crise política, pedagógica, social, cultural. Nas palavras do próprio autor “... o que se manifesta é mais abrangente, o que se constata é o colapso da formação cultural na figura da semiformação, que se tornou a forma atualmente dominante da consciência” (ADORNO, 2010, p.9).

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. Deste modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. Nada fica intocado na natureza, mas, sua rusticidade – a velha ficção- preserva a vida e se reproduz de maneira ampliada. Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie. ( ADORNO, 2010, p.9)

Assim, podemos perceber que a semiformação é central na discussão de Adorno sobre a educação e, assim sendo, como feito no capítulo anterior, iremos discutir sobre a origem do termo e as possibilidades do conceito.

A *Halbbildung* (semiformação) é uma palavra alemã composta pela junção de *halb* e *Bildung*. Traduzindo as partes separadamente, teríamos o seguinte caso: a tradução mais fiel a *Hal* seria a de metade, por sua vez, a tradução de *bildung*, seria formação e cultura. Porém, a tradução dessa união para português ou para demais línguas é complexa e requer cuidado.

É importante ressaltar que ambas as palavras são utilizadas cotidianamente. Assim, *halb* pode ser utilizada para casos como: *halbes Kilo* (meio quilo), *ein halbes jahr* (meio ano) e *Halbautomatisch* (semi-automática). Além disso, pode ser utilizada para composição de palavras, tais como: *Halbbildung* e *halbgebildet*, que podem ser traduzidos respectivamente por pseudo-formação e pseudo-formado. Porém, esta tradução não contempla a complexidade do termo, assim sendo, é mais adequada à tradução de semiformação e semiformado.

Essa questão fica mais clara nas palavras do próprio autor do termo: “Pseudo marcaria somente o momento falso do conceito e do processo da *Halbbildung*, mas ele não é totalmente falso, porque é um momento de sua verdade” (ADORNO, 2010, p.11). O momento de falsidade é fundamental para o desenvolvimento da *halbbildung*, pois, segundo Adorno, é através da ciência de sua falsidade que a semiformação alcança o momento de verdade. Para ele, a questão extrapola o limite da nomenclatura de “pseudo”, pois, nesse caso haveria apenas o momento falso, porém, para Adorno é nesse ponto tênue que está um momento chave para a reflexão sobre a *halbbildung*, visto que, esse momento falso é ao mesmo tempo verdadeiro, ou seja, a *halbbildung* contém os dois momentos: falso e verdadeiro. Além disso, existe a possibilidade de tradução do termo “pseudo” como falso. A união desses fatores serve como justificativa para a escolha de “semi” como mais adequada.

Porém, a questão não é menos complexa quando se opta por traduzir o termo por “semi”, pois, essa tradução também exige cuidados para que não se cometa equívocos de interpretação. Um desses equívocos, que o próprio Adorno nos chama atenção, é compreender a semiformação como formação pela metade. “O entendido experimentado medianamente – semientendido e semiexperimentado – não constituiu o grau elementar da formação e sim seu inimigo mortal” (ADORNO; 2010 p. 18).

Portanto, não existe um meio termo quando se trata da experiência formativa, não existe uma meia-verdade. Nas atividades do espírito não existe um caminho intermediário, o que é compreendido pela metade não representa um passo para a formação cultural, mas sim um passo para a semiformação.

Existe, portanto, um processo de formação que é o oposto da formação, ou seja, uma falsa formação, a semiformação. É importante ressaltar que o autor deixa claro que assim como a formação, a semiformação é um processo de apropriação subjetiva do sujeito. Logo, a formação se fundamenta na apropriação da cultura, por sua vez, a semiformação se fundamenta na apropriação da cultura produzida através da indústria cultural.

se não terá envelhecido o conceito de cultura no qual crescemos, se- de acordo com a tendência geral – o que hoje ocorre com a cultura não será a resposta ao seu próprio fracasso, à culpa que adquiriu por haver-se encapsulado como esfera especial do espírito, sem realizar-se na organização da sociedade. (ADORNO, 1995, p.176)

Assim sendo, como afirma o próprio autor no texto *“Teoria da semiformação”*: “a idéia de cultura não pode ser sagrada- o que a reforçaria como semiformação” (ADORNO, 2010, p.9). Portanto, para Adorno, sacralizar a cultura é o mesmo que a transformar em valor. A cultura é compreendida nesse caso como algo que possui utilidade de troca e que trará possíveis benefícios para aquele que a possui. Deste modo, encontramos-nos diante de uma cultura que é consumida assim como outros produtos mercantis, que podem ou não ter alguma relação com os bens culturais. Nesse caso, a própria cultura integrada à lógica do mercado, sedimenta as relações sociais em função de sua produção.

Assim, a cultura é compreendida como um bem inquestionável, hegemônico sobre os homens. O problema para Adorno é que ao compreender a relação com a cultura deste modo, nos distanciamos da razão e nos aproximamos do mito. Para o autor, quando a cultura se encontra estática ele perder seu conteúdo, seu verdadeiro sentido, visto que, sob essas condições não há mais coesão entre a produção cultural e o todo social e, assim sendo, a cultura perde seu sentido original, pois, nesse caso, ela torna-se um fim em si mesma.

Max Frisch observou que havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo. Tal fato não apenas indica uma consciência progressivamente dissociada, mas, sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais- a humanidade e tudo o que lhe for inerente- enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas. A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma se absolutiza e acaba por se converter em semiformação” (ADORNO, 201, p.10).

Deste modo, para Adorno, uma cultura só é admirada, quando é reconhecida enquanto patrimônio e neutralizada, visto que, esse processo não implica em nenhum tipo de compromisso. Quando fixa, estática, a cultura se restringe ao momento de adaptação, isto é, seu potencial não se realiza por completo. Nesse caso, quando a cultura é compreendida como sagrada, há uma neutralização da tensão existente entre seus dois momentos- Adaptação e autonomia- onde a adaptação prevalece, fortalecendo a semiformação.

Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas – sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação- cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva (ADORNO, 2010, p.11).



Para Adorno, aquilo que é pré-estabelecido é passível de desconfiança, visto que, o que é dado a priori se coloca como anterior no processo mesmo de sua construção, e assim sendo, aparece como pré-determinação a qual se quer chegar, independentemente do percurso, que já surge como determinado. Esse processo é complexo, visto que, ao mesmo tempo em que se afirma no existente, impossibilita a existência do outro, do diferente. O processo de formação, a cultura, o homem, a sociedade, são um conjunto de fatores resultantes do próprio processo histórico, portanto, não são naturais, são construídos na e pela própria dinâmica social.

Quando fala de semiformação, Adorno nos fornece alguns elementos que caracterizam a formação. Deste modo, a semiformação é fruto do espírito alienado, por sua vez, a formação é resultado do espírito consciente, ou seja, a semiformação renuncia a autodeterminação, já a formação tem como objetivo a produção de um indivíduo autodeterminado. Assim, a semiformação representa um caminho em direção à barbárie, enquanto a formação caminha na direção contrária, ou seja, a busca pela emancipação.

A formação possui, portanto, dois opostos: a não-formação e a semiformação. A não-formação é a ausência de formação, onde o indivíduo é denominado inculto. A semiformação não representa ignorância ou incultura, e sim uma formação danificada, incompleta. Portanto, a semiformação é pior que ausência de formação; travestida com as características da formação, mas sem estimular as potencialidades necessárias para que se efetive a formação.

A não-cultura, como mera ingenuidade e simples ignorância, permitia uma relação imediata com os objetos e, em virtude do potencial de ceticismo, engenho e ironia – qualidades que se desenvolvem naqueles que não inteiramente domesticados-, podia elevá-los à consciência crítica. Eis aí algo fora do alcance da semiformação cultural. (ADORNO, 2010, p.21)

A semiformação é problemática, pois, além de não ser formação, restringe as capacidades de desenvolvimento no indivíduo, as mesmas que possibilitariam a sua formação. Para Adorno, é extremamente difícil que um sujeito semiformado, conformado à realidade existente, integrado a lógica do mercado, aos produtos culturais, seja capaz de “se libertar e experimentar a cultura conscientemente” (ADORNO, 2010)

No não-saber há uma predisposição do homem para a busca do saber. Sócrates colocava no auto-reconhecimento da ignorância o início do filosofar. No semi-saber a pessoa se julga sabedora e se fecha as possibilidades da sabedoria. (PUCCL, 1998, p.96)

A ignorância garante a possibilidade de formação, pois, se apresenta como uma condição para a formação do sujeito, o que não ocorre com a semiformação que nega essa possibilidade. No caso da semiformação, o indivíduo não supera o estágio da ignorância alcançando um novo patamar. O sujeito semiformado permanece não sabendo, porém, este indivíduo acredita e afirma o oposto. Para Adorno, nesse caso, alguns elementos fundamentais, não por coincidência, surgem como sendo anacrônicos, e desqualificados devido a esse fato.

#### **4. Biopoder e Semiformação**

Após a exposição dos dois conceitos e as suas relações com a educação, a parte final dessa reflexão tem, como objetivo, realizar uma breve reflexão sobre as possíveis relações entre a biopolítica e a semiformação. Como vimos anteriormente, o conceito de biopoder,

desenvolvido por Michel Foucault, trata dos mecanismos de controle e disciplina sobre a vida, nas sociedades modernas, denominadas pelo autor de sociedades disciplinares. Por sua vez, o conceito de semiformação, desenvolvido por Adorno, tem como objetivo analisar a decadência do processo de formação, e a conversão da formação em semiformação.

A relação entre os dois conceitos pode ser percebida quando há uma reflexão sobre a impossibilidade de construção de um ser autônomo, emancipado, com a conversão da formação em semiformação. O desenvolvimento da *Bildung* pressupõe autodesenvolvimento do ser, e este, só pode se efetivar em indivíduos autônomos, emancipados, fato este que não acontece na sociedade moderna, onde a *Bildung* passou a ser compreendida ideologicamente e, como consequência desse processo, a *Halbbildung* (*semiformação*) assumiu a forma da *Bildung*.

Portanto, o indivíduo semiformado não possui os subsídios necessários para perceber o tipo de controle desenvolvido pelo biopoder e, deste modo, sua submissão a esse controle se torna mais fácil. A não autonomia do ser dificulta o processo de reflexão necessário para a percepção do controle de vida, do corpo, exercido pelo biopoder.

Diante dessa situação, a presença do biopoder passa despercebida pela maior parte dos indivíduos e, deste modo, a possibilidade de enfrentar essa questão se torna muito mais complexa. O biopoder, como dito antes, conduz a vida ao controle das tecnologias do poder. Segundo Foucault (1988), a presença do biopoder se torna uma questão política fundamental e, é necessário que haja um desenvolvimento de formas de luta contra esse poder.

Porém, se observarmos esse aspecto sob a ótica de Adorno, a semiformação, seria um elemento fundamental para compreender a passividade do indivíduo diante dessa situação. O indivíduo semiformado não desenvolveu a autonomia do pensamento, necessária para identificar com maior clareza a presença do biopoder, que passa despercebida. Diante dessa impossibilidade, fica difícil a manifestação de posições contrárias ao poder de controle exercido sobre a vida, pelo biopoder.

## Bibliografia:

ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1986.

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994

ADORNO, T.W. *Mínima moralia: Reflexões a partir da vida danificada*. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Editora Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. *A indústria cultural* In: *Coleção: Grandes Cientistas Sociais*. Ática: São Paulo. 1994.

\_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. Tradução e introdução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. *Introdução à sociologia*. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora UNESP. 2008.

\_\_\_\_\_. *Teoria da Semiformação*. In: PUCCI, B. ZUIN, A.A.S., LASTÓRIA, L.A.C.B. (org.). *Teoria Crítica e inconformismo*. Campinas, Autores Associados, 2010. Nabuco Lastória (orgs). –Campinas, SP: Autores associados, 2010. (Coleção educação contemporâneas)

BOLLE, Willi. A idéia de formação na modernidade. IN: GHIRALDELLI JR., Paulo (org.) *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade do Paraná, 1997.

COHN, G. (org). *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Editora Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais), 1986.

DUARTE, R. Esquematismo e semiformação. *Educação e Sociedade*, nº 83, 2003, p. 441 - 457.

FOUCAULT, Michel. *Historia da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.

MAAR, W. L. Adorno, semiformação e educação. *Educação e Sociedade*, nº 83, 2003, p. 459 - 476.

PUCCI, B. (org). *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1994.

ZUIN, Antônio Soares; PUCCI, Bruno; NEWTON, Ramos de Oliveira. [Organizadores]. *A Educação danificada: Contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

ZUIN, A. A. Educação e emancipação: Adorno, crítico da semicultura. *Pro – Posições*, nº 23, 1997, p. 72 - 83